

## Editorial

Gilberto Icle  
Celina Nunes de Alcântara  
Marcelo de Andrade Pereira  
Márcio Müller

A apresentação deste número é deveras importante para nós. Trata-se não apenas de introduzir os textos que encerram o volume de 2012, mas, também, noticiar com alegria a expansão editorial de nosso periódico: a partir de 2013 a *Revista Brasileira de Estudos da Presença* terá três números anuais.

Isso é um passo importante e fundamental para uma jovem publicação e mostra, sem dúvida, a força de seu trabalho e o vigor de suas intenções, apontando um futuro promissor. Os leitores terão acesso, portanto, a mais textos de qualidade organizados em números nos quais as já consagradas seções temáticas continuarão a ser o carro chefe.

Vigor, aliás, que encontramos no número ora apresentado, no qual a figura emblemática de François Delsarte é o ícone em torno do qual vários estudos e pesquisas são configurados. Além de representar a própria formação da pedagogia do ator tal qual nós a conhecemos hoje, o pioneirismo de Delsarte é para nós o emblema no qual imprimimos discussões de várias naturezas.

Não seria preciso, obviamente, sublinhar a importância de François Delsarte para o teatro e a dança, algo que os textos que constituem a seção de abertura deste número o fazem com rigor e acuidade.

Assim, a seção temática que dá nome a este número – *A pedagogia de François Delsarte* –, compõe-se de oito textos, sendo quatro de pesquisadores nacionais e quatro de especialistas estrangeiros, além de ser seguida de um manuscrito, inédito em língua portuguesa, do próprio Delsarte, recolhido de seus arquivos e gentilmente cedido pelo pesquisador francês Franck Waille.

A seção é formada, assim, por textos exemplares que discutem o trabalho de Delsarte sob vários pontos de vista. É o caso, por exemplo, do primeiro texto, intitulado *As Duas Fontes dos Ensinos de Delsarte: observações e metafísica*, do próprio Franck Waille, no qual o autor mostra como o objetivo de espiritualização através da arte, preconizado por Delsarte, encontrou termo a partir de um sistema de observação minucioso, aliado a uma filosofia metafísica, enredada na conversão católica do pioneiro francês.

Em *Gesto Arquétipo e Gesto Cotidiano: um binômio fundamental na teoria delsartiana*, a italiana Elena Randi propõe um exercício instigante de pensamento no interior da obra delsartiana, colocando em xeque a autoria do sistema de exercícios de Delsarte, a partir de argumentos fundamentados na obra do mestre francês e, em especial, na análise dos escritos de seus discípulos diretos.

A seção se segue com o artigo de Sônia Machado de Azevedo, *Delsarte e Laban: raízes e princípios de uma revolução estética*. Nele, a autora deslinda as relações entre o trabalho de Delsarte e o de seu sucessor, Rudolf Laban, mostrando como os métodos de pesquisa utilizados por ambos fazem não apenas uma ligação entre os diferentes trabalhos desses grandes pedagogos do movimento como, também, emergem atualmente nas práticas pedagógicas de diferentes artistas da cena.

De certa maneira, é, também, aplicado o uso que Marie-Christine Autant-Mathieu faz do trabalho de Delsarte, ao rever os resquícios, as influências e as consequências de seu trabalho no teatro russo e soviético do início do século XX. Num trabalho de historiadora exemplar, a pesquisadora francesa apresenta, em *As Interpretações do Sistema Delsarte no Teatro Russo e Soviético dos Anos 1910-1920*, os mal-entendidos da recepção do sistema delsartiano na Rússia pelos estudiosos ditos ocidentais.

Seguem-se, ainda, três artigos de pesquisadores brasileiros, que obram na mesma direção: as relações de Delsarte com a dança moderna. Marcilio de Souza Vieira faz uma análise mais voltada para a prática contemporânea da dança, mostrando o sistema de Delsarte na sua funcionalidade atual. O artigo *As Contribuições da Pedagogia de François Delsarte*

para o Ensino da Dança Moderna propõe um passeio na dança moderna, evidenciando seus traços delbartianos.

Da mesma forma, *A Influência do Pensamento de François Delsarte sobre a Modernidade da Dança*, de Maria Albertina Silva Grebler, problematiza a ruptura da dança moderna por intermédio da recusa de um vocabulário tradicional, evidenciando a influência de Delsarte na busca de uma corporeidade mais subjetiva.

E o grupo de três textos encerra com a contribuição de Elisa Teixeira de Souza, no texto chamado *François Delsarte e a Dança Moderna: um encontro na expressividade corporal*. Nesse trabalho, a autora mostra as leis delbartianas da expressividade gestual na visão dos precursores da dança moderna, tais como Isadora Duncan, Ruth Saint Denis, Ted Shawn, Vaslav Nijinsky, Rudolf Laban e Mary Wigman.

E, por fim, nossa seção temática encerra com o texto da grande especialista norte-americana da obra de Delsarte, Nancy Lee Chalfa Ruyter, que nos presenteia com o artigo *A Influência do Trabalho de Delsarte nos Estados Unidos a partir do Final do Século XIX*. Esse texto mostra com precisão a forma segundo a qual o trabalho de François Delsarte configurou nos Estados Unidos da América todo um movimento de treinamento corporal, espreado para diversos aspectos da vida, e chamado de *delsartismo americano*.

Como já anunciado, à seção temática segue-se um fragmento de manuscrito do próprio Delsarte, no qual o mestre francês apresenta conselhos a seus alunos, amalgamados a princípios que constituem sua noção de corpo, de inspiração, de cantar, de expressão, configurando em primeira mão os aspectos centrais de sua pedagogia.

Seguida a essa seção temática principal, apresentamos uma segunda seção, igualmente importante, por trazer uma dupla função: a homenagem aos vinte anos de labuta do grupo gaúcho Usina do Trabalho do Ator (UTA) e por fazer dessa homenagem objeto de estudo no interior da obra poético-formativa da UTA.

A seção, constituída de quatro textos, inicia com o trabalho da crítica e pesquisadora Eliane Tejera Lisbôa que, no

artigo *Usina do Trabalho do Ator: reconhecimento de uma identidade*, procura analisar alguns dos espetáculos do grupo na busca de identificar princípios que pudessem fazer reconhecer em tais obras uma identidade estética singular.

No registro da teoria da recepção, em especial tomando conceitos de Richard Schechner, Clóvis Dias Massa perscruta, no trabalho estético da UTA, elementos capazes de fazer aparecer o papel do espectador, compondo com o conceito schechneriano de *teatro rásico* um panorama antropofágico do trabalho artístico dos gaúchos, em *A Antropofagia da Usina do Trabalho do Ator*.

Marcelo de Andrade Pereira, por sua vez, apresenta *Usina do Trabalho do Ator: (des)caminhos da criação* como um ensaio, ao gosto e a partir da obra do filósofo da aura, Walter Benjamin, além da companhia de Paul Valéry. Pereira problematiza a noção de a(u)tor, a partir da qual conceitos como os de narração, de experiência, de tradição são tomados como ferramentas da filosofia para descrever o processo criativo do grupo gaúcho, mostrando a diversidade e heterogeneidade criativa da UTA em espetáculos tão diversos quantos os seus processos.

A seção encerra com o texto de duas atrizes do próprio grupo: Ana Cecília de Carvalho Reckziegel e Gisela Costa Habeyche. As duas atrizes escrevem a quatro mãos o artigo “*Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo*”, no qual descrevem aspectos do processo criativo do espetáculo *Cinco Tempos para a Morte*, em especial a suspensão da ideia de personagem, problematizando a irrupção do real na cena e o discutindo na perspectiva do conceito de narração.

Como já é de costume, este número, assim como os anteriores da *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, encerra com a seção *Outros Temas*, oferecendo aos leitores, desta vez, três textos de pesquisadores estrangeiros: dois argentinos e um norte-americano.

Carlos Fos, crítico argentino, recupera, em *La Relectura de los Cuerpos en el Teatro Frente a las Mediatizaciones de lo Cotidiano*, elementos rituais para evitar definições essencialistas e poder nos oferecer uma reflexão sobre o corpo frente as dificuldades de convívios próprias do mundo atual.

Num registro bastante distinto, *Cuerpo: presencia y transitoriedad*, pretende mostrar a constituição da presença como forma de partilhamento do corpo, como habilidade de interpenetração na sua dimensão de alteridade. Marcelo Andrés Comandú se esmera em difundir noções contemporâneas de corpo, evidenciando suas possibilidades de dilatação, de intensidade.

Todos esses trabalhos se encerram com um texto bastante especial, crítico, ácido e ensaístico. Trata-se do artigo do já consagrado pesquisador dos *Performances Studies* e diretor teatral norte-americano, um dos mais influentes do mundo contemporâneo: Richard Schechner. *A Vanguarda Conservadora* desfaz a noção de vanguarda, mostrando como muitas práticas vanguardistas atuais apenas repetem procedimentos, sem propor formas de efetiva transgressão. Assim, o autor deslinda a noção de vanguarda no campo das artes em três domínios, explorando-a como tradição, como marca e como fantasma do que foi um dia.

Apesar de jovem, este periódico tem o prazer de traduzir e publicar, já pela segunda vez, um texto de Schechner que, unido ao conjunto dos textos qualificados aqui apresentados, faz deste número um acervo especial para as discussões no campo das Artes Cênicas brasileiras.

Nosso obrigado a todos os colaboradores e, em especial, aos nossos fiéis leitores que têm feito da *Revista Brasileira de Estudos da Presença* um espaço privilegiado de discussão.

Boa leitura.